

**REFLEXÕES PARA UMA NOVA AGENDA DE ESQUERDA A PARTIR DE ROSA LUXEMBURG E ANTONIO GRAMSCI<sup>1</sup>**Fabio Gentile<sup>2</sup>**Resumo**

O objetivo deste texto é refletir sobre uma nova agenda de esquerda a partir das contribuições de Rosa Luxemburgo e Antônio Gramsci. Após o fim do comunismo em 1989, a esquerda se entregou – embora com alguns ajustes - ao novo ciclo do capitalismo, marcado pela globalização financeira de cunho neoliberal. É preciso então repensar a esquerda ao nível mundial, colocando no foco de um novo projeto ideológico-político a classe trabalhadora, a luta de classe e a defesa do que esta sobrando dos direitos sociais conquistados entre a segunda guerra mundial e a década de Setenta. Nesta perspectiva teórico-prática, a obra de Rosa Luxemburgo e Antonio Gramsci continua sendo ainda hoje um patrimônio inestimável de reflexões teóricas e de práxis revolucionária.

**Palavras-chave:** Luta de classe; Antonio Gramsci; Rosa Luxemburgo.

**REFLEXIONES PARA UNA NUEVA AGENDA IZQUIERDA DE ROSA LUXEMBURGO Y ANTONIO GRAMSCI.****Resumen**

El propósito de este texto es reflexionar sobre una nueva agenda de izquierda basada en las contribuciones de Rosa Luxemburgo y Antônio Gramsci. Después del fin del comunismo en 1989, la izquierda se rindió, aunque con algunos ajustes, al nuevo ciclo del capitalismo, marcado por la globalización financiera neoliberal. Es necesario repensar a la izquierda a nivel mundial, colocando a la clase trabajadora, la lucha de clases y la defensa de lo que queda de los derechos sociales conquistados entre la Segunda Guerra Mundial y los años setenta en el centro de un nuevo proyecto ideológico-político. En esta perspectiva teórico-práctica, el trabajo de Rosa Luxemburgo y Antonio Gramsci sigue siendo hoy un patrimonio invaluable de reflexiones teóricas y praxis revolucionarias.

**Palabras clave:** lucha de clases; Antonio Gramsci; Rosa Luxemburgo.

**REFLECTIONS FOR A NEW LEFT AGENDA FROM ROSA LUXEMBURG AND ANTONIO GRAMSCI.****Abstract**

The aim of this text is to reflect on a new left agenda based on the contributions of Rosa Luxemburg and Antonio Gramsci. After the end of communism in 1989, the left surrendered - even with some adjustments - to the capitalism new cycle, marked by a process of neoliberal financial globalization. Now it is necessary to rethink the left at the world level, focusing on a new ideological-political project the working class, the class struggle and the defense of what is left of the social rights won between the Second World War and the Seventies. In this perspective, the work of Rosa Luxemburg and Antonio Gramsci is still an invaluable heritage of theoretical reflections and revolutionary praxis.

**Key-words:** Working class; Antonio Gramsci; Rosa Luxemburgo.

<sup>1</sup> Recebido em 22/11/2019. Primeira avaliação em 25/11/2019. Segunda avaliação em 12/01/2020. Aceito para publicação em 26/01/2020.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Ceará (UFC). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5746-8008>. E-mail: [fabio\\_gentile@gmail.com](mailto:fabio_gentile@gmail.com)

## 1. “O comunismo acabou, mas o mundo, e a esquerda, não estão melhores”.

Com o fim da Guerra Fria e a queda do muro de Berlim em 1989, os “think tanks” orgânicos à nova ordem “neoliberal”, hegemônica pelos EUA, celebraram o “fim da história” e o triunfo histórico definitivo do capitalismo, do livre mercado e da democracia representativa, capazes de derrotar todos os inimigos ideológicos após o 1989 (FUKUYAMA, 1992). A “época de ouro” da humanidade (HOBSBAWM, 1994), marcada pela intervenção do Estado nacional democrático na desigualdade social e econômica, estava abrindo o caminho ao predomínio do neoliberalismo.

Uma das consequências políticas deste processo foi a derrota histórica da esquerda. Como afirma Lucio Magri, intelectual e expoente de ponta da esquerda radical italiana das décadas de Sessenta e Setenta, fundador do jornal “Il Manifesto”, acompanhando o processo histórico de transição do Partido Comunista Italiano (PCI), o maior partido comunista do ocidente, para o Partido Democrata da Esquerda (PDS), no início da década de Noventa, logo depois a implosão da União Soviética, a esquerda perdeu um patrimônio teórico e uma experiência histórica que marcaram o século XX, o qual não pode ser associado apenas aos totalitarismos e as guerras mundiais da primeira metade, com sua carga de mortos e tragédias, mas tem que ser associado também à segunda metade do século, caracterizada por uma colaboração virtuosa entre democracia e comunismo em direção de um avanço dos direitos sociais e trabalhistas no mundo ocidental (Magri, 2009, p.15). Como observa oportunamente a tal respeito Eloisa de Mattos Höfling

Nunca é demais assinalar que o marxismo não pode ser entendido como uma única abordagem, como único tratamento dado a qualquer tema. A tradição marxista desdobra-se num amplo espectro de tendências e mesmo teorias – aliás coerente com seus pressupostos referentes à construção histórica de conceitos. Enraizadas nas clássicas formulações de Marx em relação ao Estado e às ações estatais – as quais estariam, em última instância, voltadas para garantir a produção e reprodução de condições favoráveis à acumulação do capital e ao desenvolvimento do capitalismo –, outras se desdobram na análise da complexa questão da autonomia e possibilidade de ação do Estado capitalista frente às reivindicações e demandas dos trabalhadores e dos setores não beneficiados pelo desenvolvimento capitalista (HÖFLING, 2001, p. 31).

Nesta perspectiva, o trabalho do sociólogo marxista alemão Claus Offe é ainda hoje uma referência fundamental na área das políticas públicas, de cunho social, implementadas pelo Estado Capitalista – liberal ou democrático- contemporâneo para a sociedade de classe. Tentando de compatibilizar o estado “ético” hegeliano com o marxismo, de acordo com uma tradição de estudos alemã sobre o Estado social (RITTER, 2011), o Estado de Offe é “ético”, quando freia o avanço do capitalismo e das relações de classe por ele produzidas implementando políticas públicas sociais no combate a desigualdade, uma vez que no mundo ocidental sob o controle do imperialismo norte-americano não são dadas as condições materiais para a revolução.

Na mesma linha teórica de Offe, embora com algumas importantes diferenças, Adam Przeworsky refletiu sobre a ação coletiva dos movimentos sociais, dos sindicatos e dos partidos comunistas e socialistas no avanço dos direitos trabalhistas pela via democrática e participativa depois do fim da segunda guerra mundial (PREZWORSKY, 1985).

Trata-se de um patrimônio de reflexões que é preciso retomar. A esquerda ficou longamente parada na reelaboração do comunismo estalinista.

É um aspecto crucial, e precisamos limpar o campo das hipocrisias e falsidades. Desde a década de Cinquenta, após a morte de Stalin, e até o fim da União Soviética, muitos intelectuais e políticos de esquerda, queriam que os partidos comunistas fizessem o acerto das contas com o estalinismo, bem como cobravam para esquerda refletir sobre o sofrimento provocado pelos regimes comunistas no Leste da Europa. É verdade, não podemos negar este aspecto trágico do socialismo real. Porém, a reelaboração do estalinismo não resolve o problema da criação de uma nova esquerda. O desafio para uma nova agenda de esquerda é retomar o patrimônio teórico prático do marxismo numa perspectiva compatível com o estado capitalista democrático, mas que não descarta a revolução. Parafraseando as palavras de Lucio Magri “O PCI morreu, mas a Itália não está melhor”, podemos dizer “o comunismo acabou, mas o mundo, e a esquerda, não está melhor”.

Já o secretário do PCI Enrico Berlinguer tinha falado na década de Setenta algo nesta direção: “esta se esgotando o impulso da União Soviética”.

Berlinguer queria dizer: 1. O socialismo real foi trágico, mas protegeu a classe trabalhadora internacional das transformações e das crises cíclicas do capitalismo; 2. Seria impossível garantir o estado do bem-estar keynesiano sem o amparo da União Soviética;

3 o impulso da União soviética foi se esgotando desde a década de Setenta, mas isso não justifica o revisionismo da esquerda, ansiosa de cortar os laços com o socialismo real e se entregar ao avanço sem freio do capitalismo financeiro neoliberal, globalizado.

Nesta perspectiva de repensar uma nova agenda de esquerda, o próprio Berlinguer teorizava o caminho do “compromisso histórico” com as forças conservadoras a serviço do capital, no contexto do eurocomunismo da década de Setenta.

Mas o caminho indicado para Berlinguer foi rapidamente abandonado pelos partidos de esquerda. Logo, a “terceira via”, surgida no governo trabalhista australiano no fim da década de Oitenta, ganhava o consenso dos socialdemocratas a nível mundial, na perspectiva teórica de Antony Giddens (1998), tentando de conciliar capitalismo, economia de mercado e socialismo. Clinton nos EUA, Blair na Inglaterra, mas também Mitterand na França, González na Espanha, Craxi na Itália e na América Latina Lagos no Chile e sobretudo F. H Cardoso se entregaram de forma entusiástica a “terceira via”, aberta por um lado a incorporar alguns dos princípios do neoliberalismo econômico, mas pelo outro lado mantendo alguns dos objetivos tradicionais do socialismo.

No plano teórico, este processo de transição da esquerda estava se alinhando com alguns dos temas centrais da nova onda revisionista da década de Noventa - alimentada também pela teoria do “fim da história”, de acordo com a qual os dois grandes “inimigos” da democracia liberal, nazismo e comunismo são tratados como variantes da mesma atitude criminosa (COURTOIS, 1997): o “genocídio de classe” é colocado no mesmo nível do “genocídio racial”, o gulag stalinista já parece ser geneticamente inscrito na Revolução bolchevique de 1917, da mesma forma que a “solução final” está enraizada na *Weltanschauung* hitleriana. A esquerda, ansiosa de cancelar os crimes do estalinismo, acabou perdendo a necessária revisão crítica de uma história e de um patrimônio de valores que não pode ser associada apenas ao totalitarismo estalinista. A extensão do sistema político soviético à inteira história do comunismo acabou comprimindo o significado histórico das diferentes fases da experiência comunista - entre os extremos opostos da libertação e da degeneração - dentro de uma única leitura caracterizada por uma relação trágica e fatal entre ideologia e terror. Algumas obras são expressivas desta tendência (ROUSSO, 1998; FLORES, 1998; KERSHAW & LEWIN, 1999), embora a própria H. Arendt (1958), mesmo numa época marcada por um uso ideológico do conceito de totalitarismo, convidava a encontrar a ação do terror totalitário só na Rússia stalinista desde os anos 1930 - com as

grandes purgas, a liquidação de inteiros grupos sociais e quadros dirigentes do partido, “a ideologia burocrática”, o “culto de Stalin”, as deportações em massa, os campos de concentração e na sua exportação aos países da Europa Central e Oriental após o fim da Segunda Guerra Mundial.

Enquanto a direita, a serviço dos ricos e poderosos do mundo, iniciava um processo de reinvenção da sua bagagem ideológico-política, desde a segunda metade da década de Oitenta e ao longo da década de Noventa, em torno de novos temas quais o populismo “antipolítico”, a crise da representação tradicional e a imigração, entre os principais, a esquerda ficou oscilando ambigualmente entre a aceitação dos dogmas do neoliberalismo e a defesa de alguns princípios clássicos do socialismo quais o aumento das políticas públicas de cunho social para reduzir a desigualdade produzida pelo neoliberalismo.

No plano político, entre as demais consequências da crise da esquerda estava a sua incapacidade de reagir ao perigo de extinção da própria categoria de esquerda, rapidamente absorvida pelo pensamento único globalizado, que pretende se afirmar também cancelando qualquer oposição num comunitarismo indistinto, sem classes sociais. O objetivo era criar uma simetria perfeita entre as categorias direita-esquerda (STERNHELL, 1989), fascismo-antifascismo, reduzidas a velhas categorias do século XX e, portanto, não adequadas para compreender a nova ordem mundial global e neoliberal. Concordamos com Norberto Bobbio, quando reafirmava a necessidade de manter a dicotomia direita-esquerda (BOBBIO, 1995), dado que elas são portadoras de duas *Weltanschauung* totalmente opostas, elaboradas como fundamento de um projeto ideológico-político bem definido, que vai até além do campo político para caracterizar uma diferente visão das relações sociais quotidianas (PIERUCCI, 1990).

É um ponto de partida necessário. Porém, não é suficiente. As perguntas colocadas por muitos analistas desde a década de Noventa é: “O que sobra da esquerda? Em torno de quais novos valores precisa repensar a nova esquerda? ”

## **2. Rosa e Gramsci, ideias para uma nova esquerda.**

Repensar a esquerda hoje, passa necessariamente para o patrimônio teórico e prático de Rosa Luxemburgo e Antonio Gramsci. Ou seja, quer dizer refletir sobre

a unidade de teoria e prática revolucionária diante um processo capitalista que está produzindo “uma nova racionalidade mundial” de cunho neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2010), consequência das crises cíclicas do próprio capitalismo.

É notório que na área do socialismo europeu Rosa Luxemburgo foi uma das primeiras a perceber o fim da sociedade liberal entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Mas para ela o fim do liberalismo clássico sob o impulso da sociedade de massa e dos nacionalismos imperialistas, era mais um desafio a teorizar que a “razão vai prevalecer”, desde que esquerda não ficasse confinada na “torre de marfim” do seu racionalismo cartesiano e iluminista.

Rosa Luxemburgo nunca aceitou as teorias deterministas de Plekhanov sobre “o colapso inevitável do capitalismo”. As leis e a ação humana constituem a trama do pensamento dela. Desta forma, se a lógica do capital deve levar necessariamente para um colapso necessário, de acordo com a dialética marxista da história, é também importante destacar que no pensamento de Rosa a ação humana, das lutas de classe, se dá no terreno da política mediante o protagonismo das massas populares (LUXEMBURGO, 1912). Trata-se de uma concepção democrática do socialismo, que sem desconsiderar as contradições do capital e a perspectiva revolucionária nele ínsita, teoriza o avanço da classe trabalhadora pela via democrática e socialista.

Em Rosa Luxemburgo o realismo convive com a utopia comunista. Nesta perspectiva, o dilema da ação revolucionária se resolve na política como arte, entregue ao partido de luta de governo.

Esta é a grande lição teórico-metodológica. A teoria da práxis, pensada como “teoria para a prática, teoria da prática” (LOUREIRO, 2004) de Rosa Luxemburgo trilha o caminho de um novo movimento da classe trabalhadora internacional, organizado pela esquerda, porque convida a refletir sobre a base do consenso de massa aos fascismos, aos autoritarismos, aos avanços das direitas de Trump nos EUA, de Salvini e Le Pen na Europa, de Bolsonaro no Brasil, em direção da luta de classe como rumo privilegiado, ao qual atrelar as lutas raciais, e aquelas de gênero e identidade.

Há um fio condutor entre Rosa e Gramsci. Ele se dá sobretudo na capacidade de ambos de ganhar amplo consenso nas massas trabalhadoras.

Os *Quaderni del carcere* oferecem elementos fundamentais para discutir a

atual conjuntura mundial. É uma leitura que vai além da hagiografia gramsciana feita por Palmiro Togliatti e o Partido Comunista Italiano. Retomando aspectos marginalizados do seu pensamento, Gramsci hoje deve ser pensado como o teórico de uma síntese entre o leninismo e a socialdemocracia clássica. Se o estatismo leninista da Revolução soviética não podia ser reproduzido nas sociedades de capitalismo avançado, Gramsci estava então estudando a estrutura da dialética Estado-Sociedade Civil no Ocidente. Uma sociedade não morre antes do desenvolvimento de todas as forças produtivas no seu seio, era o seu diagnóstico sobre o Ocidente. A revolução é então um longo processo mundial, por etapas. O “blocco storico” entre classes diferentes avança - como no pensamento de Rosa Luxemburgo - não apenas em acordo com as leis “científicas” do capitalismo, mas sobretudo em acordo com uma nova “hegemonia política”, produzida pela vontade da classe trabalhadora de se organizar de forma consciente.

Com Rosa e Gramsci avança o novo partido da esquerda, em continuidade com o leninismo e com a socialdemocracia. Mas a proposta deles é diferente, porque é ciente que no Capitalismo ocidental é possível abrir novos espaços de lutas, de ações coletivas, de avanços sociais. E isso mesmo que hoje os dois iriam propor a uma classe dirigente desejosa de refletir sobre o patrimônio do marxismo e do comunismo para criar uma nova agenda de esquerda.

## **Referências**

ARENDDT, H. (1951) **The Origins of Totalitarianism**. 2. ed. Cleveland and New York: World Publishing Co., Meridian Books, 1958.

BOBBIO, N. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Unesp, 1995.

COURTOIS, S. (Org.). **Le livre noir du communisme**. Paris: Robert Laffont, 1997.

CROUCH, C. **The Strange Non-Death of Neoliberalism**. Cambridge: Polity Press, 2011.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **La nouvelle raison du monde**. Paris: La Découverte, 2010.

FLORES, M. (Org.). **Nazismo, fascismo, comunismo. Totalitarismi a confronto**, Milano, Bruno Mondadori, 1998.

FUKUYAMA, F. **The end of History and the last man**. New York: Mac Millan, 1992.

GIDDENS, A. **The Third Way. The Renewal of Social Democracy**. Cambridge: Polity, 1998.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

\_\_\_\_\_. **Escritos políticos**. Lisboa: Seara Nova, 1978.

\_\_\_\_\_. **Quaderni del carcere**. 4 vols. 3a ed. Torino: Einaudi, 2007.

HEGEL, G. W. F. (1820) **Princípios da filosofia do direito**. Lisboa: Guimarães, 1990.

HOBBSAWM, E. **The age of Extremes**. London: Penguin, 1994.

HÖFLING DE MATTOS, E. **Estado e políticas (publicas) sociais**. Cadernos Cedes, XXI, nº 55, novembro/2001, p. 30-41.

KERSHAW, I; LEWIN, M. (Orgs). **Stalinism and Nazism**. Dictatorships in Comparison. New York: Cambridge University Press, 1997.

LOUREIRO, I. M. F. R. (Org.) **Rosa Luxemburgo -- textos escolhidos**. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

LOUREIRO, I. M. F. R. **Rosa Luxemburg - os dilemas da ação revolucionária**. 2a. ed. São Paulo: UNESP/Perseu Abramo, 2004.

LUXEMBURG, R (1912) **A Acumulação do Capital**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

MAGRI, L. **Il sarto di Ulm**. Milano: Il Saggiatore, 2009.

MARX, K. **Prefácio**. In: Contribuição à crítica da economia política. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

OFFE, C. **Problemas estruturais do estado capitalista**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1984.

PIERUCCI, A. F. **“Ciladas da diferença”**. Tempo Social, v.2, n.2, p. 7-37, 1990.

POULANTZAS, N. **Fascismo e ditadura**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

PRZEWORSKY, A. **Capitalism and social democrcy**. London: Cambridge University Press, 1985.

RITTER, G. **Storia dello Stato sociale**. Roma-Bari: Laterza, 2011.

ROUSSO, H. (Org.), **Stalinisme et nazisme. Histoire et mémoire comparées**. Bruxelles: Éditions Complexe, 1999.

SCHLESENER, A. H. **A Teoria Política de Marx e sua atualidade no século XXI**. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, v. 10, p. 34-43, 2018.

\_\_\_\_\_. **Políticas públicas, Estado e educação: notas a partir dos escritos de Gramsci**. Movimento-Revista de Educação, v. 3, p. 1-22, 2016.



SECCO, L. Retorno a Gramsci. São Paulo: LCTE Editora, 2010.

STERNHELL, Z. **Naissance de l'idéologie fasciste**. Paris: Librairie Arthème Fayard. 1989.